



## Literatura negra e ancestral: uma entrevista com Cidinha da Silva<sup>1</sup>

*Black and ancestry literature: an Interview with Cidinha da Silva*

*Literatura negra y ancestral: una entrevista con Cidinha da Silva*

**Roselin Angelita Dantas Reis<sup>2</sup>**

Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC)

**Ricardo de Oliveira Freitas<sup>3</sup>**

Universidade do Estado da Bahia (UNEB)

Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC)

### RESUMO

Compreendendo a relevância de impulsionar a visibilidade para o trabalho de escritoras negras na literatura, que por tanto tempo foram silenciadas e apagadas do cânone literário, apresentamos uma entrevista com Cidinha da Silva, escritora, prosadora e editora. Cidinha da Silva é progressista e referência na luta contra o racismo. Nesta entrevista, debate temas relacionados a sua vivência e escrita: questões de gênero, sexualidade, raça, literatura negra, ativismo, novas representações para mulheres negras, dentre outras. A ideia deste diálogo nasce dos estudos e provocações ofertados pela disciplina “Tópicos Especiais Epistemologias dissidentes e Literaturas transgressoras<sup>4</sup>”, do Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagens e Representações. A entrevista ocorreu via e-mail, datado em 08 de novembro de 2023.

**Palavras-chave:** Cidinha da Silva; Gênero; literatura negra; Ancestralidade.

### ABSTRACT

Understanding the importance of boosting visibility for the work of Black women writers in literature, who have long been silenced and erased from the literary canon, we present an interview with Cidinha da Silva, writer, prose author, and editor. Cidinha da Silva is a progressive figure and a reference in the fight against racism. In this interview, she discusses themes related to her experience and writing: gender issues, sexuality, race, Black literature, activism, new representations for Black women, among others. The idea for this dialogue stems from the studies and provocations offered by the course "Special Topics: Dissident Epistemologies and Transgressive Literatures," from the Graduate Program in Literature: Languages and Representations. The interview took place via email, dated November 8.

**Keywords:** Cidinha da Silva; Gender; Black literature; Ancestry.

---

<sup>1</sup>Presidiu o Geledés – Instituto da Mulher Negra e fundou o Instituto Kuanza, voltado a educação, ações afirmativas e articulação comunitária para a população negra. É autora de 22 livros em diferentes gêneros (crônica, conto, ensaio, dramaturgia e infantil/juvenil), com obras premiadas como *Um Exu em Nova York* (Prêmio Biblioteca Nacional, 2019) e *Explosão Feminista* (finalista do Jabuti e vencedora do Prêmio Rio Literatura, 2019). Seus textos já foram publicados em alemão, catalão, espanhol, francês, inglês e italiano.

<sup>2</sup>Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagens e Representações (UESC). Graduada em Filosofia (UESC, 2008), com especializações em Gestão, Supervisão e Orientação Educacional (FACSA) e em Psicopedagogia Clínica e Institucional. E-mail: roselindantas@yahoo.com.br. ORCID: 0009-0005-8692-5649.

<sup>3</sup>Graduado em Artes pela UFRJ (1992), mestre (1995) e doutor (2002) em Comunicação e Cultura pela UFRJ. É Professor Titular Pleno da UNEB/Campus I e atua como docente permanente no PPGEL/UNEB e no PPGL/UESC. E-mail: ricofrei@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7528-4488>.

<sup>4</sup>Disciplina ministrada pelo professor Alexandre Fernandes, Doutor em Ciências da Literatura (UFRJ), que contribuiu com importantes reflexões sobre literatura e descolonização dos saberes e abordagens crítico-teóricas em Epistemologia e Literatura.



## RESUMEN

Compreendendo la importancia de impulsar la visibilidad del trabajo de escritoras negras en la literatura, quienes durante mucho tiempo han sido silenciadas y borradas del canon literario, presentamos una entrevista con Cidinha da Silva, escritora, narradora y editora. Cidinha da Silva es una figura progresista y una referencia en la lucha contra el racismo. En esta entrevista, discute temas relacionados con su experiencia y escritura: cuestiones de género, sexualidad, raza, literatura negra, activismo artístico, nuevas representaciones para mujeres negras, entre otros. La idea de este diálogo surge de los estudios y provocaciones ofrecidos por el curso "Temas Especiales: Epistemologías Disidentes y Literaturas Transgresoras", del Programa de Posgrado en Letras: Lenguajes y Representaciones. La entrevista se llevó a cabo por correo electrónico, con fecha del 8 de noviembre de 2023.

**Palabras clave:** Cidinha da Silva; Género; literatura negra; Ancestralidad.

## 1 Apresentação

O saber da minha avó, benzedeira, é um saber como qualquer outro. Até hoje sei que chá de boldo é infalível para curar ressaca e que álcool com arnica cicatriza picadas de mosquito. [...]. Devemos pensar uma reconfiguração do mundo a partir de outros olhares, questionar o que foi criado a partir de uma linguagem eurocêntrica (Ribeiro, 2018, p. 20).

A escritora Cidinha da Silva escreve a partir da valorização das tecnologias pretas/negras/afro-brasileiras, reconhecendo saberes e conhecimentos ancestrais, que têm sido apagados e deslegitimados pelas colonialidades, ao longo dos séculos. Tendo como ponto referencial o feminino, preto e periférico, ela aborda de maneira única questões étnicas, sociais e de gênero. Assim, sua criação artística se destaca pela busca dos sentidos do tempo, da ancestralidade, da sua existência, e contestação das configurações do mundo hegemônico.

Uma literatura que possui uma estética inspirada nas africanidades, com o toque do tambor dos orixás, e que conduz a transformação nos modos de fazer e de pensar em direção a diversidade. Nessa simetria entre uma escrita localizada e indagativa, Cidinha propõe o existir de outros mundos, representações e identidades, contrapondo-se a literatura canônica. Essa literatura não hegemônica, propõe uma arte com uma função social ímpar, pois desestabiliza o estabelecido pelo sistema neocolonial. Esse tipo de literatura é como Exu na reflexão feita pelo pesquisador Rufino (2020, p. 26): “Exu gera dúvida, motricidade e, para um projeto de mundo que ser quer único, que se quer totalizante, isso é muito perigoso e revolucionário, porque é a produção no e do caos. É a ordem produzida via desordem.”



Importante destacar que a sua literatura negra e ancestral alinha-se harmoniosamente com sua biografia. Assim, tornou-se Presidenta do Geledés – Instituto da Mulher Negra, uma ONG com notada ações contra o racismo e o sexismo. Criou o Instituto Kuanza, que viabiliza ações educativas, afirmativas e também promove articulação comunitária para a população negra. Publicou 19 livros, com 227,2 mil cópias em circulação, abrangendo os gêneros de conto, crônica, ensaios, dramaturgia, e infanto-juvenil, sendo referência para artistas e artistas em saraus e slams. Com prêmios expressivos no mundo literário, conquista um espaço de destaque na literatura, tendo seus livros traduzidos para inglês, catalão, francês, alemão, espanhol e italiano. Esses dados biográficos foram coletados no portal literafro<sup>5</sup>.

Assim, convidamos a todes para conhecer um recorte do pensamento dessa escritora tão singular.

**Entrevistadora:** Cidinha da Silva, iniciamos nossa entrevista com um axé baiano e saudações literárias transgressoras! Em 2019, você foi premiada e com certeza, Exu foi o primeiro a ser convidado para o grande evento! Com livro de contos “**Um exú em Nova York**”, merecidamente venceu o Prêmio Literário Biblioteca Nacional. Poderia descrever a sensação de ocupar um espaço de poder que durante muito tempo foi pautado no masculino, branco e heterossexual?

**Cidinha da Silva:** Eu não me preocupo com os espaços ocupados pelos outros, nenhum outro (branco ou negro), me ocupo do meu projeto literário e do planejamento da minha carreira. O prêmio veio em uma boa hora (não necessariamente na hora certa) depois de uma dezena de bons livros de crônicas publicados, aos quais a crítica não deu a menor bola. O livro de contos, o primeiro, aconteceu. Foi bom, impulsionou a carreira. Um prêmio literário é um reconhecimento dos pares, gera visibilidade, alcance de mais leitores/as e bons convites para trabalhos remunerados.

---

<sup>5</sup>O Portal da literatura afro-brasileira (Literafro) está presente na Internet desde 13 de dezembro de 2004, sediado no Núcleo de Estudos Interdisciplinares da Alteridade (NEIA), da Faculdade de Letras da UFMG. Tem como fundadores e atuais gestores professores e estudantes desta e de outras instituições, integrantes do grupo Literafro, pesquisas em rede, registrado no CNPq. Informação disponível no site: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/autoras/186-cidinha-da-silva>. Acesso em: 22 abr. 2024.

**Entrevistadora:** Vamos falar sobre o seu mais novo trabalho, o livro “Tecnologias ancestrais de produção de infinitos (2022)?” Que tal contar um pouco sobre como foi pensado e quais as expectativas do livro.

**Cidinha da Silva:** Trata-se de um livro com crônicas inéditas que preparei durante muito tempo, um trabalho muito querido e delicado. O livro é dividido em três partes, três pássaros: carcará, joão-de-barro e bem-te-vi. Cada uma delas contempla um conjunto diferente de textos. Em carcará, me interessava entender quem era o carcará que estava nos matando durante a pandemia de Covid-19, além do próprio vírus. Em João-de-Barro, os textos tratam do labor intelectual, especialmente do labor literário. Bem-te-vi reúne crônicas mais leves, que passeiam pelas belezas, alegrias e poesia da vida, muitas vezes com ironia.

Quanto às expectativas, quero que o livro chegue ao maior número de leitoras e leitores possível, que seja absorvido por grandes editais governamentais de formação de acervo e que seja (pelo menos) semi-finalista do Jabuti 2023. É um bom livro com fôlego para fazer essa trajetória... resta ver se os avaliadores concordarão comigo.

**Entrevistadora:** Podemos perceber na crônica “Uma escritora e suas leitoras”, da obra *Tecnologias ancestrais de produção de infinitos (2022)*, que você rasura o cânone literário quando coloca a escritora sendo uma mulher intelectual negra. Nessa perspectiva, no momento da criação de suas personagens, você intencionalmente propõe novas representações e (auto)representações para a mulher negra?

**Cidinha da Silva:** Este foi um texto originalmente escrito para constar na orelha da edição comemorativa de 16 anos do livro “Um defeito de cor”, de Ana Maria Gonçalves. Ela, generosamente, me convidou para escrever uma crônica, me disse que não queria nenhum texto que analisasse o livro, por exemplo. A mim, chama mais a atenção nesse texto, o diálogo entre mãe e filha, mulheres negras de diferentes gerações de leitoras. Isso é o que mais me interessa destacar na crônica.

Dito isso, nós, escritoras e intelectuais negras existimos. No meu mundo particular somos muitas e levo essas existências para o meu universo literário.



**Entrevistadora:** Sua literatura é autoral, e encontra-se imbricada com a política, pois aborda questões de conhecimento, poder, resistência e rasuras sociais. Nesse sentido, você se considera uma artista de resistência?

**Cidinha da Silva:** Não. Até a publicação do meu segundo livro (2008) eu me considerava “artista”. O terceiro livro, entretanto, “Os nove pentes d’África” (2009), me apresentou questões de tessitura do texto literário que não haviam me assombrado nos primeiros livros. Resolvê-las na trama do texto, me mostrou que eu era uma escritora desafiada a produzir literatura. É o que sou, uma escritora, permanentemente (auto)desafiada a escrever melhor.

**Entrevistadora:** O livro diz muito sobre ancestralidade, cultura e religião de matriz africana. Qual a importância dessas questões na produção de um afrofuturo?

**Cidinha da Silva:** Eu não trabalho com uma perspectiva de “afrofuturo”. Para ser muito sincera, vejo muito de modismo nessa coisa e é algo que não me interessa, seja do ponto de vista estético, filosófico ou político. Não é um tema que ocupe minha agenda de interesses.

**Entrevistadora:** Sua literatura inverte a lógica de um mundo masculino, branco e heterossexual. A desconstrução é um dos objetivos quando você escreve sobre gênero e sexualidade no livro?

**Cidinha da Silva:** Não. Eu não me construo ou ao meu trabalho em oposição ao outro, a nada, no sentido de que a produção do outro não me pauta, não me (des)orienta. Eu me apresento, eu me projeto, eu conquisto meu lugar no mundo a partir daquilo que considero importante abordar e construir. A agência é minha, sou sujeita ativa, não sou marionete reativa. Esse discurso de resistência não é uma pauta minha, eu me imponho quando necessário. Minha intenção é a de construir personagens redondos, que se mantenham de pé sobre as próprias pernas, que tenham agência e dignidade.

**Entrevistadora:** Na crônica “Negros e negras no jabuti 2019, da obra “Tecnologias ancestrais de produção de infinitos” (2022) você faz a seguinte afirmação: “Manteve-se a regra dos anos anteriores, um preto por vez”. Refletindo sobre a questão, como você analisa a representação negra no cenário literário contemporâneo?



**Cidinha da Silva:** Trata-se de uma pergunta muito ampla, vou elencar três aspectos para respondê-la:

**AUTORIA:** está mais diversa, temos perfis variados, também com projetos editoriais diferentes que passam pela autopublicação, pela presença em nano e microeditoras, em pequenas e médias, nas grandes e até nos conglomerados, que têm olhado para alguns/as de nós com muita volúpia.

**TEMAS:** racismo e discriminação racial tem se constituído como temas possíveis para as autorias negras, mas não temas mandatórios e exclusivos. O leque temático está mais largo.

**PRESENÇA EM FEIRAS E FESTAS LITERÁRIAS:** tem aumentado, embora o número de curadores e curadoras negros seja irrisório.

**Entrevistadora:** Para finalizar, vamos citar um velho ditado iorubá que diz: “Exu matou um pássaro ontem, com uma pedra que só jogou hoje”, esse é um oriki de Exu, um texto de louvação, que nos diz que o combate de agora não é de agora que se luta. E seu livro nos convida para encarar essa jornada de lutas e resistência. O que é fazer resistência através da literatura?

**Cidinha da Silva:** Minha interpretação desse itan é diferente, para mim, ele está muito relacionado à nossa relação com a ancestralidade e com os compromissos que temos com ela, e para honrá-los, os ebós nos ajudam a fazer as pontes necessárias. Como já disse acima, não me dedico à resistência. Eu crio lugares de existência para o que faço e assim me inscrevo no mundo pela criação, pela imaginação, pelo trabalho estético, pelos princípios filosóficos e políticos de quem se sabe negra num mundo racista. Isso é maior do que pautar a vida e os discursos pela perspectiva da resistência, apenas.

*Gratidão à Cidinha por cada palavra dita!*

## Referências

RIBEIRO, Djamila. **Quem tem medo do feminismo negro?** São Paulo: Companhia das Letras, 2018.



RUFINO, Luiz. Epistemologia na Encruzilhada: Política do conhecimento por Exu. **Abatira - Revista de Ciências Humanas e Linguagens**, Eunápolis, BA, v. 2, n. 4, p. 19-30, dez. 2021. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/abatira/article/view/13339>. Acesso em: 2 jul. 2023.

SILVA, Cidinha da. **Os Nove Pententes da África**. Rio de Janeiro: Editora Malê, 2017.

SILVA, Cidinha da. **Tecnologias ancestrais de produção de infinitos**. Goiânia: Martelo, 2022.